

# O Ensino Superior na Concepção de Maurício Tragtenberg

Dayane de Carvalho Silva Antunes\*

## Introdução

Aproprio-me das palavras de Marques (2016) em seu trabalho intitulado “*A questão da Educação em Maurício Tragtenberg*” para afirmar que esse não é um assunto fácil, mas o instigante é que as várias leituras realizadas para iniciar este artigo foi o suficiente para aceitar o desafio de produzir este trabalho sobre o “*Ensino superior na concepção de Maurício Tragtenberg*”.

O assunto é instigante porque revela uma visão não falseada sobre o ensino superior e dentro de uma proposta que segundo Tragtenberg a “Educação não é algo fechado em si mesmo, ou seja, que pode ser explicada por si só e está desassociada da sociedade” (MARQUES, 2016, p. 105).

Em outras palavras, para entender a educação superior, é preciso entender também a sociedade e o processo educativo como um todo e ao mesmo tempo, sobre suas especificidades. A partir destas concepções iniciais, este artigo foi desenvolvido partindo da seguinte problemática: como Maurício Tragtenberg concebe o ensino superior? Apesar de parecer simplório num primeiro momento, a importância de se conhecer a concepção deste autor em relação ao ensino superior demonstra muitas outras facetas sobre como a sociedade capitalista se desenvolve e como o Estado contribui para a perpetuação de uma ideologia dominante e autoritária.

A pesquisa bibliográfica tornou-se o meio pelo qual tivemos acesso ao pensamento de Tragtenberg. Além disso, busquei por outras informações em contribuições de pesquisadores que já pesquisaram o assunto e que pode contribuir sobremaneira para novas pesquisas. Após a coleta de dados, o próximo passo para a investigação foi o tratamento destes dados a partir da interpretação e análise

A investigação sobre o assunto se justifica pelo fato de que os estudos de Maurício Tragtenberg constituem-se de orientação para um entendimento não somente sobre a universidade e o papel que desempenha na sociedade, mas também um conhecimento de como a sociedade se desenvolve em si mesma.

---

\* Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia e Pós - Graduada em Docência no Ensino Superior pela UEG.

### **Maurício Tragtenberg: de autodidata a um renomado professor**

Maurício Tragtenberg (1999) relata que foi um importante sociólogo brasileiro, nasceu na cidade de Erechim, Rio Grande do Sul, no dia 04 de novembro de 1929. Sua infância não foi diferente de inúmeras crianças que vivem no campo e são desprovidas de uma boa qualidade de vida. Filho de família de origem pobre e judaica, que se dedicava às atividades rurais, morava com os avós em um lugarejo pequeno e não conhecera seu pai, pois este faleceu assim que se casou com sua mãe.

Em razão das dificuldades econômicas, de saúde e de escolaridade, a família transferiu-se para Porto Alegre, em busca de melhorias, principalmente na educação das crianças. Foi nesta cidade que o pequeno Maurício teve contato com sua primeira experiência política. Embora fosse tão pequeno e não entendesse nada de política ele conta no livro “Memórias de um Autodidata”, que frequentou um grupo escolar chamado Luciano de Abreu, onde realizava manifestação para recepcionar em Porto Alegre o político Plínio Salgado (homem que ele nem conhecia) e o enchera de folhetos desse político sem ele saber de fato o que acontecia naquele lugar e quem era aquele homem, pelo qual todos gritavam bravamente por ele. Depreende-se aqui, que Tragtenberg ao ser politizado precocemente, crescera com vontade de entender o porquê da disparidade econômica que vivia o povo judeu, principalmente as péssimas condições de vida que levava sua família, fator que a impossibilitava fixar-se em um lugar.

Ainda criança, no seio familiar, Tragtenberg tomou gosto pela leitura, pois tinha contato com os livros deixados pelo pai. Sua experiência escolar foi apenas o primário e ainda foi reprovado no primeiro ano em aula de canto, o que demonstra seu desinteresse pela escola. Para ele, a escola era apenas mais um lugar onde oportunizava o encontro com os amigos para uma boa partida de futebol

Maurício Tragtenberg frequentou uma escola judaica em São Paulo por tempo integral, onde finalmente conseguiu se formar no primário, embora não gostasse muito dela, pois achava seu regime “idiota” e o professor “chato”. Fazia muita leitura em bibliotecas, lendo obras sobre socialistas. Aproveitava as oportunidades em que seu irmão comprava séries de livros para lê-los.

O contato com a leitura de trotskistas e marxistas trouxe muita influência à sua formação. As leituras eram dirigidas por ele mesmo e costumava praticá-las na biblioteca municipal de São Paulo. Realizava também leituras influenciadas por amigos que

percebiam nele a característica de autodidata, contribuindo dessa forma, para o ápice da sua trajetória autodidata, acarretando sua entrada à universidade. Após terminar a faculdade, começou a ministrar aulas em um colégio na cidade de Iguapé, dando início à sua carreira professoral. No itinerário de docência sofreu bastante perseguição e repressão por se mostrar livre, revolucionário e por não concordar com as relações de dominação.

### **A política em Tragtenberg**

A concepção de política de Tragtenberg formou-se mesmo sendo um adolescente. Visto que seu anseio pela política era o de compreender a realidade de seu país e de seu quadro familiar, desenvolveu interesse pelo partido Comunista devido ao modo da organização de seu bairro e por possibilitar que participasse de debates que colocavam em pauta as questões práticas da sociedade, o rumo do país, o interesse do povo nesse processo, a luta da classe operária. Isso só era possível no partido, pois seus familiares não tinham interesses voltados à política.

Maurício Tragtenberg enfatiza nessa concepção a questão da autogestão da burocracia. O termo autogestão por ele utilizado, está ligado à luta pela emancipação de classe trabalhadora e ao segmento educacional. Para ele, os trabalhadores sempre sofreram repressão por caracterizar-se como a classe desfavorecida, mesmo que a chegada do capitalismo tenha trazido benefícios para a sociedade, de certa forma, trouxe também sofrimentos à classe operária. Nessa situação, precisava se organizar de modo cooperativo para reivindicação de seus direitos, enquanto indivíduos que necessitam de liberdade para garantir seu papel político em contraposição àqueles que os dominam. Na mesma perspectiva, o autor pontua sobre um manifesto que deu início à auto-organização da classe trabalhadora:

Mas sem dúvida, será a proclamação da Comuna de Paris, em março de 1871, que influenciará Malatesta em suas propostas mais amplas: auto-organização dos trabalhadores, autogestão econômico-social e política, como sinônimo de um processo de socialização. Isso porque a Comuna de Paris-nunca suficientemente estudada – é a primeira grande revolução moderna, em que o proletariado tentou a extinção do poder político. Ela representou a prática da organização da esfera social e econômica pelas massas, a eleição pela população dos intermediários políticos (representantes) e econômicos (administradores, a ausência de privilégios e a revogabilidade universal dos eleitos. (TRAGTNBERG, 2009, p. 16).

Esse movimento foi resultante da união entre inúmeros operários sintonizados pela mesma vontade de contestar, lutar e agir contra a classe burguesa que os exploravam e contra

o estado que os oprimiam.

A respeito do processo que pode levar à autogestão, Tragtenberg (2009) nos leva a pensar sobre o cuidado que deve ter o trabalhador no interior da fábrica. No processo de sua luta quando cria comissões para representa-lo, deve se atentar quanto a divisão entre dirigentes e dirigidos, relação defendida pela organização sindical, que agirá sempre em prol de seus interesses próprios.

No que tange à burocracia, Tragtenberg (2004) enfatiza que ela é o corpo que regula o modo de produção nas empresas, tanto públicas, quanto privadas, constitui parte do estado e também é um sistema utilizado pela classe dominante para garantir a organização social. Em contrapartida, o que é notório nesse elemento que “organiza tudo” é que mantém uma gestão pautada por relações de dominação para a manutenção da sociedade capitalista. A partir dessa óptica, o próximo tópico analisará como é visto o ensino superior por Maurício Tragtenberg e como seus ensinamentos contribuem para o pensamento moderno sobre o modelo de ensino que deve ser ministrado pela universidade.

### **O Ensino Superior na Concepção de Tragtenberg**

A educação em meados do século XV tinha característica humanística e os que tinham acesso a ela em grande parte, provinham de famílias dominantes tanto política, quanto econômica. Em relação ao ingresso ao ensino superior o cenário não mudou muito, o sistema de acesso feito por meio de exames é garantido àqueles das classes privilegiadas.

O ensino profissional desde o século XIX caminhou para uma formação destinada à mão-de-obra, garantindo às fábricas o poder do capital e desde então, se adequou ao sistema capitalista. Conforme Bourdieu (1983 p.122) não houve grandes mudanças a respeito dos objetivos do ensino superior, para ele, “O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo, de uma luta concorrencial”. Destarte, ele quis dizer que no ensejo de provocar mudanças no ensino superior, sobrepõe-se formas ocultas da desigualdade educacional que leva à não democratização e que por outro lado, manifesta as hierarquias sociais.

A passagem do ensino que centrava-se nos ideais puramente humanos para uma educação mercantilizada, na análise de Tragtenberg, está intimamente ligada aos problemas que o ensino superior atualmente apresenta no processo de ensino-aprendizagem, em direção a uma educação que contribua para a autonomia e emancipação. Dessa forma, Chauí afirma

que: “[...] a educação é encarada como adestramento de mão-de-obra para o mercado”. (CHAUI, 1980, p.38). Em conformidade com a autora, Tragtenberg (2004 p.14), declara que: “[...] A apropriação universitária (atual) do conhecimento é a concepção capitalista do saber, na qual ele se constitui em capital e toma forma nos hábitos universitários”. Por conseguinte, temos aqui o conhecimento como mercadoria, pois é sinônimo de força produtiva, contribuindo para uma sociedade cada vez mais competitiva e capitalista.

Maurício Tragtenberg fez uma análise criteriosa do ensino superior, na qual aponta críticas às universidades de hoje. Segundo ele, a universidade está em “crise” e tem a ver com “a crise da sociedade”. Afirmar ainda que nessa crise a população jovem detecta os problemas sociais refletidos na universidade. De acordo com ele:

[...] A universidade não é algo tão essencial como linguagem, ela é simplesmente uma instituição ligada à dominação. Não é uma instituição neutra, é uma instituição de classe, na qual as contradições de classe aparecem. Para obscurecer esses fatores, ela desenvolve uma ideologia do saber neutro, científico, a neutralidade cultural e o mito de um saber “objetivo”, acima das contradições sociais. (TRAGTENBERG, 2004, p. 12)

Nessa afirmativa, o autor refere-se a uma instituição que manifesta interesses contrários da classe menos favorecida, por exemplo, no âmbito administrativo muitas vezes há uma camuflagem de suas ações como é o caso do processo seletivo de alunos que ingressarão à universidade, seja na graduação ou em especialização no qual é pregado a igualdade de oportunidades, enquanto na maioria das vezes, principalmente em cursos mais concorridos, quem tem mais oportunidades são aqueles que foram privilegiados com um ensino de qualidade. Diante disso, é perceptível que a universidade é uma instituição que alimenta a ilusão de oferecer um ensino igualitário pautado na necessidade social e de certa forma, contribui com a sociedade que vive a mercê da hierarquia do conhecimento, reforçando a divisão de classes.

De certa maneira é possível entender que para Tragtenberg, as instituições superiores se integram ao modo de produção capitalista e reproduzem as relações pautadas pelas classes sociais, pois: “A universidade reproduz o modo de produção capitalista dominante não apenas pela ideologia que transmite, mas também *pelos servos que ela forma*” (TRAGTENBERG, 2004, p. 14). Para ele, essa ideologia que ela transmite está vinculada à hierarquia do saber, ou seja, o mestre sempre possuirá um saber maior do que o educando. No entanto, o autor deixa claro: “A *relação de saber não institui a diferença entre aluno e*

*professor*”. (TRAGTENBERG, 2004, p. 14). Pelo contrário, para Tragtenberg, essa divisão professor/aluno acontece por meio dos sistemas de exames.

Nesta perspectiva Tragtenberg faz uma analogia entre a empresa e as instituições de ensino em relação à função dos exames:

[...] O exame é a parte visível da seleção; a invisível é a entrevista, que cumpre as mesmas funções de “exclusão” que possui a empresa em relação ao futuro empregado. Informalmente, docilmente, ela “exclui” o candidato. Para o professor, há o currículo visível, publicações, conferências, traduções e atividade didática, e há o currículo - esse de posse da chamada “informação” que possui espaço na universidade, onde o destino está aberto e tudo é possível acontecer. É através da nomeação, da cooptação dos mais conformistas (nem sempre os mais produtivos) que a burocracia universitária reproduz o canil de professores. Os valores de submissão e conformismo, a cada instante exibido pelos professores, já constituem um sistema ideológico.

Analisando essa afirmativa, podemos perceber que este sociólogo menciona a burocracia como um sistema que regulamenta o modo de produção não só das empresas, como também no interior das instituições de ensino, utilizando-se dos exames como instrumentos de controle não em relação à produção do conhecimento, mas, quanto à reprodução das informações transmitidas, qual promove a competitividade entre as classes separando-as em melhores e piores. Desse modo, os indivíduos considerados melhores e diplomados, virão a exercer atividades que trazem prestígio e status na lógica dos valores produzidos pela sociedade capitalista.

Em relação à burocracia no interior da universidade, na qual os envolvidos no processo educacional estão submersos, utilizando-a como instrumento de dominação que monitora o modo de trabalho e o pensamento dos indivíduos, Marx e Engels destacam o elemento principal, que sistematiza as relações de subordinação: “A burocracia é um círculo, de que ninguém pode sair. A sua hierarquia é *a do saber*. A cabeça confia as esferas inferiores cedem à cúpula a inteligência do geral – e ambos fazem assim mutuamente a troca [...]” (MARX e ENGELS, s/d, p. 08)

Seguindo esse raciocínio, podemos fazer referência tanto às universidades públicas, quanto às particulares como aparelho ideológico (burocrático) de dominação, qual o estado tem posse e que na visão do autor sustenta um ensino pautado na mercantilização do saber (perpetuando até os dias de hoje), destinando-o a formar mão-de-obra, que nem sempre é qualificada, mas que atenderão ao sistema de produção capitalista. De acordo com ele:

[...] O Estado organiza a educação em função do crescimento econômico, abre vagas, porém mantém o elitismo do ensino, a classe operária não tem acesso à universidade. Só chega lá, quem pode pagar. O Estado pós-64

reabsorve as pressões de professores e estudantes para a reestruturação do ensino superior, especialmente das camadas médias urbanas, deflagrando o processo de *expansão pela privatização*” (TRAGTENBERG, 2004, p.115-116 *itálico do autor*).

Tragtenberg (2004) acredita que as universidades vistas como prestadoras de serviços ao capital, correm grandes riscos, pois não conseguirão resolver o problema da maioria da população, que por sinal sairão técnicos, concomitantemente, indivíduos despolitizados que ao mesmo tempo que dominam (a classe oprimida) se tornam massa de manobra de um estado autoritário. Ainda em concordância com ele, as universidades públicas mediante uma política educacional repressiva, é vista como lugar de *“excelência”*, onde se produz conhecimento, enquanto as particulares reproduzem esse conhecimento pois é destinada aos *“consumidores de cultura”*. (TRAGTENBERG, 2004, p. 116)

Para Maurício Tragtenberg as universidades, podem ser caracterizadas como *“delinquência acadêmica”*. Para chegar a tal conclusão, Tragtenberg partiu do conhecimento adquirido em sua própria relação com a universidade. Ministrou aulas na Universidade Pontifícia católica de São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas e na Fundação Getúlio Vargas. Sua posição como educador o permitiu realizar abordagem crítica das instituições e organizações burocráticas. Mas como é vista a delinquência que tanto aponta os estudos desse sociólogo? Em sua interpretação é algo amplo e tem *“relação entre a dominação e o saber”*. A relação de produção está ligada à burocracia que é um mecanismo ativo e ao mesmo tempo oculto nessa via de mão dupla, que segundo Tragtenberg:

[...] “organiza” os professores e estudantes por escalões (mestres, doutores, livres-docentes ou alunos de graduação, pós-graduação ou especialização). É uma das muitas manhas burocráticas para dividir o subproletariado intelectual, o qual enfrenta uma burocracia unida por seus interesses e prebendas, que procura preservar e aumentar o seu poder. (TRAGTENBERG, 2004, p. 214-215)

Nesse sentido, a intelectualidade torna-se uma prestadora de serviço à classe burguesa e contribui para o processo de dominação do saber institucionalizado, *“burocratizado”*, vista como única e verdadeira pelo intelectualismo acadêmico.

Maurício Tragtenberg (2004), destaca que o ensino busca uma formação voltada para a política burguesa. Nesse sentido, a própria universidade forma professores e os isolam uns dos outros. Estabelece assim uma hierarquia e valora a questão dos títulos. Em conformidade com essa ideia, Chauí (1980, p. 42) descreve que: “A fragmentação da universidade ocorre em todos os níveis, tanto nos graus do ensino quanto nos da carreira, tanto nos cargos



administrativos e docentes quanto nos de direção”. Ou seja, para ela, essa fragmentação caracteriza-se pelo princípio da empresa capitalista de separar para obter controle. Para Tragtenberg, a educação a nível geral se opera em divisões. Neste caso, as universidades utilizam um ensino autoritário pautado em estratégias burocráticas garantindo a formação de indivíduos acríticos e impregnando nesses, a cultura da mão-de-obra e do poder econômico.

Contudo, esse ensino autoritário é regido sob a tutela estatal que impõe à população envolvida, um ensino excludente. Como aponta Tragtenberg (2004, p. 79) “O sistema educacional nacional, operando por exclusão que atinge grande parte da população, é um dos aparelhos de hegemonia dos setores dominantes operando em relação ao povo não pelo “fazer falar”, mas pelo “fazer calar”. Na percepção do autor, as instituições de ensino superior é o portal de acesso para o mercado de trabalho, para a integração das relações sociais estabelecidas pelo capitalismo.

Chauí (1980) corrobora com Tragtenberg (2004) ao afirmar que:

Quando se alega que a universidade não treina mão-de-obra, pois quem o faz realmente é a empresa, imagina-se implicitamente que, para possuir verdadeira função econômica, a universidade deveria formar até o fim a força-de-trabalho intelectual, coisa que ela não é capaz de fazer. Com isto, perde-se o nervo da questão, ou seja, o modo peculiar de articulação entre o econômico e o político: *a universidade, exatamente como a empresa, está encarregada de produzir incompetentes sociais, presas fáceis da dominação e da rede de autoridades. A universidade adentra sim, como a empresa também o faz, e o fato de que a empresa possa “qualificar” em algumas horas e em alguns dias prova simplesmente que quanto mais cresce o acervo cultural e tecnológico, assim como o próprio saber, tanto menos se deve ensinar e tanto menos se deve aprender*, pois do contrário, a universidade, em particular, e a educação, em geral, ofereceriam aos sujeitos sociais algumas condições de controle de seu trabalho, algum poder de decisão e de veto, e alguma concreticidade à reivindicação de participação (seja no processo educativo, seja no processo de trabalho). Ignorar que adestramento e treinamento, só porque nem sempre equilibram oferta e procura no mercado de empregos, são procedimentos econômicos e políticos destinados à exploração e à dominação, é ignorar o novo papel que foi destinado ao trabalho universitário. (CHAUÍ, 1980, p. 41-42)

Assim, a universidade desempenha um papel na sociedade que segundo Tragtenberg (2004) contribui para o domínio da ideologia burguesa. Dentre tantas outras questões Tragtenberg (2004), enfatiza que a delinquência acadêmica é a expressão dos problemas sociais e manifesta a atitude de docentes pesquisadores, a não preocupação com as finalidades sociais do conhecimento produzido, por exemplo. Maurício destaca a mais grave: *A síndrome de conformismo*, que permite a utilização do saber para a decadência intelectual do indivíduo. De acordo com ele, essa manipulação executada pelo saber universitário não é de agora. No entanto, podemos perceber que este “conformismo” permanece até os dias de



hoje e não alcança apenas a classe dirigida, mas, também chega aos dirigentes que reproduzem o poder na medida em que planejam e ensinam de forma alienada. Diante dessa afirmação Tragtenberg relata o papel da classe reprodutora da ideologia do poder:

Os professores servem para reproduzirem o poder na medida em que determinam as questões que devem estudar e essa reprodução não se dá pagamento imediato ao mestre para planejar isso ou aquilo, ministrar esse ou aquele curso, mas ele recebe subsídios porque sua linha de orientação é essa ou aquela. [...] (TRAGTENBERG, 2004, p. 30)

A questão em pauta é que o professor também integra relações no modo de produção capitalista, pois já obteve uma carga de educação burguesa, que o faz ser reprodutor da ordem estabelecida. Por conseguinte, grande parte dos docentes universitários apresentam uma concepção conservadora, acrítica e atuam no sentido de efetivar as relações de poder no interior da universidade reproduzindo nada mais que a burocracia em suas práticas de aulas.

Diante desse complô medido pelo *doutorismo* dentre outros títulos que permitem status, no qual o instrumento ideológico que caracteriza a cultura dominante no capitalismo moderno é o saber, como a classe dirigida poderá refletir e desenvolver um pensamento crítico da realidade que a cerca e burlar a realidade existente no interior da delinquência acadêmica? Tragtenberg apresenta uma proposta: “[...] “Ouse conhecer”. Se os estudantes procuram conhecer os espíritos audazes de nossa época, é fora da universidade que irão encontrá-los”. (TRAGTENBERG, 2004, p. 14-15).

Como aponta este educador, a audácia dificilmente fará parte da profissão acadêmica, uma vez que na maioria das vezes é composta por indivíduos alienados pelo sistema que controla tudo e todos. Por isso, apresenta a proposta de que o cidadão busque o conhecimento fundamentado numa pedagogia libertária, que não se restringe aos conhecimentos que o campo universitário produz e reproduz.

A bem da verdade, o que o autor sugere é uma espécie de “democracia” no ensino, na qual segundo ele: “A alternativa é a criação de canais de participação *real* de professores, estudantes e funcionários no meio universitário, que se oponham à esclerose burocrática da instituição” (TRAGTENBERG, 2004, p. 18). Propõe aqui a autogestão de forma que o aprendizado possa se fundamentar numa *motivação*. Para o autor a participação dos alunos não será a cura de todos os males, mas o início de uma luta a favor de uma educação não repressiva e emancipatória.

Lobrot (1980) reforça essa ideia de Tragtenberg, ao relatar que a humanidade tem grande potencial de se conscientizar quanto a necessidade de mudar o rumo deste ensino e tomar partido para que essa mudança se efetive. Para tanto confirma:

Para que a humanidade tome enfim consciência das virtualidades prodigiosas que possui, é necessário que reveja o seu sistema de educação e de instrução e que o reconstitua sobre novas bases. É necessário que substitua a desconfiança pela confiança, a coerção pela liberdade, a burocracia por um autêntico espírito democrático, a separação do indivíduo pelas relações humanas [...] (LOBROT, 1980, p. 60).

A questão do pensamento crítico na universidade, como pontua Tragtenberg, não se constrói rapidamente e somente num plano interno, mas depende de como se organiza a dinâmica social dos envolvidos no processo educacional:

[...] A questão da universidade em si, a questão do pensamento crítico na universidade, não se resolve internamente e sim no plano político maior, no plano das relações de poder. Se no todo social há espaço para as contradições aparecerem, se o operário tem direito de fazer greve, se ele tem o direito de organizar o seu sindicato independentemente da democracia do Estado e da polícia, então na universidade há espaço para a luta. Embora a opção seja pessoal, ela não se resolve no nível pessoal. Se não se juntar a grupos, a associações, a partidos a ação será ineficiente [...] (TRAGTENBERG, 2012, p. 206).

Assim como sugeriu que a classe trabalhadora se emancipasse na indústria de maneira que se organizasse em prol de sua participação política, Tragtenberg faz este mesmo apelo à comunidade acadêmica. Para ele é necessário buscar sua autonomia cultural, política e intelectual, negando todo e qualquer ensino burocrático e autoritário pautado em prêmios ou punições, de modo que não reproduzam um saber que sirva a repressão das classes subalternas ou à reprodução da dominação. É necessário um ensino que consiste em desenvolver maturidade e potencialidade intelectual em cada indivíduo. Nessa perspectiva Maurício Tragtenberg (2012) propõe que a autogestão do ensino envolva alunos, professores, pais, por fim, toda a comunidade envolvida no processo de ensino-aprendizagem.

Em linhas gerais, o termo autogestão utilizado por muitos autores em especial por Maurício Tragtenberg, baseia-se numa auto-organização daqueles que se interessam em todas as problemáticas relacionadas à mudança social, bem como em sua participação livre.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa constatou como é concebido o ensino superior por Maurício Tragtenberg. O ponto de partida para essa análise, foi perceber as críticas atribuídas por ele,

quanto à forma de organização das universidades e das relações de poder estabelecidas nesse espaço, que segundo o próprio Tragtenberg está em crise.

Outro elemento relevante destacado nessa pesquisa que nos auxiliou a revelar sua concepção sobre o ensino superior é que segundo Tragtenberg o problema desse ensino é conferido a alguém. Vejamos em suas palavras:

O problema do ensino é um problema dos adultos, é por meio dele que procuram perpetuar determinada ordem social; é um sistema fechado, produtivista, que só procura sua reprodução. Também se situa nesse contexto o problema dos “professores”, que durante anos aprenderam a ensinar e entendem por ensino aquilo que necessitam ensinar, isto é, ensinam a si próprios para assegurar pessoalmente suas posições e perpetuar-se como grupo. (TRAGTENBERG, 2012, p. 177)

Vimos que Tragtenberg pontua a existência de um ensino autoritário, imerso na virulência burocrática, na qual os meios de controles se tornam fins, e os fins são esquecidos. constitui-se numa indústria cultural e a mercadoria principal é o saber que uma vez inculcado, torna-se matéria de consumo destinado a mão-de-obra e submete o aluno (trabalhador intelectual) à reprodução do capital, ao consumo compulsivo, nesse caso, as titulações, reforçando a burocracia do sistema.

Por fim, Tragtenberg nos ensina três aspectos importantes em sua concepção sobre o ensino superior: o primeiro aspecto se refere à crítica da burocracia como fenômenos de dominação; o segundo aspecto refere-se ao estudo das relações de poder e dominação, que dentro de um determinado contexto histórico, mantém a divisão entre dominados e dominadores, perpetuando o pensamento acrítico e controlado dentro da universidade; e por último, a defesa da autogestão como saída tanto para a emancipação dos indivíduos quanto da sociedade como um todo.

### Referências Bibliográficas

BORDIEU, Pierre. *O campo científico-sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ventos do progresso: A universidade administrada. In: *Descaminhos da educação pós-68*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1980, p. 31-56

LOBROT, Michel. *Os efeitos da educação*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARQUES, Edmilson. *A questão da educação em Maurício Tragtenberg*. **Revista Despierta**, v.3, nº 3, 2016. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rde/article/view/496/457>>. Acesso em 19 out. 2017, às 18h13min.

TRAGTENBERG, Maurício. *A falência da política*. São Paulo: Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. *Educação e Burocracia*. São Paulo: Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_. *Memórias de um autodidata no Brasil*. Organizado por Sonia Alem Marrach. São Paulo: Escuta, 1999.